

## Biografismo de Greta Thunberg contra as mudanças climáticas e a pandemia: os perfis educativo e alarmista /

### *Greta Thunberg's biography Against climate change and the pandêmica: the educational and alarmista profiles*

*Simão Farias Almeida\**

Professor Doutor da Universidade Federal de Roraima – Boa Vista/RR – Brasil. Pesquisador de comunicação ambiental, jornalismo ambiental e ecocrítica.



<http://orcid.org/0000-0001-8582-7485>

**Recebido** em: 14 abr. 2021. **Aprovado** em: 24 jul. 2021.

#### **Como citar este artigo:**

FARIAS ALMEIDA, Simão. Biografismo de Greta Thunberg contra as mudanças climáticas e a pandemia: os perfis educativo e alarmista. *Revista Letras Raras*. Campina Grande, v. 10, n. 4, p. 42-68, dez. 2021. DOI:<https://doi.org/10.5281/zenodo.8408673>

#### **RESUMO**

A cobertura de discursos da estudante sueca Greta Thunberg e de suas ações por parte dos sites de notícias, desde 2018, tem a tendência de dar visibilidade a seus perfis pessoais de engajada e coerente, e seus perfis sociais de educativa e alarmista a respeito das mudanças climáticas. Faremos uso da Ecocrítica (GARRARD, 2006), do jornalismo ambiental (BOYKOFF, 2011) e do método biográfico de investigar o campo fenomenológico do sujeito e compreender a extensão das suas experiências e de seus sentidos (BOAS, 2008), com a intenção de atestar o construto desses perfis da ativista em quatro matérias jornalísticas dos sites G1 do Grupo Globo de Comunicação, Deutsche Welle Brasil e BBC News Brasil. Investigaremos se esse biografismo transita por uma mentalidade planetária e uma consciência ecológica interdependente e solidária contra uma crise global do ecossistema terrestre e da pandemia de Covid-19, características da educação e da comunicação do futuro nos termos de Edgar Morin (2003). Concluiremos que Greta Thunberg é cética em relação à apatia dos governantes e autêntica a respeito das causas climáticas defendidas, dizimando falsas incoerências entre seus papéis educativos e alarmistas com o intuito de criticar e reformar as mentalidades planetárias.

**PALAVRAS-CHAVE:** Biografismo; Mudanças Climáticas; Educativa; Alarmista

---

\*



[simon-jp@hotmail.com](mailto:simon-jp@hotmail.com)

## ABSTRACT

Coverage in the news sites of the speeches and actions of the Swedish schoolgirl Greta Thunberg since 2018, has tended to give visibility to her personal profiles of being engaged and coherent, and her social profiles of being educated and alarmist with regard to climate change. We will use *Ecocriticism* (GARRARD, 2006), *environmental journalism* (BOYKOFF, 2011) and the *biographical method* to investigate the subject's phenomenological field and understand the extent of her experiences and her significance (BOAS, 2008), in order to demonstrate the construction of these activist profiles in four journalistic news on the G1 site of Grupo Globo de Comunicação, Deutsche Welle Brasil and BBC News Brasil. We intend to investigate whether this biography has been conducted with a planetary mentality and an interdependent ecological conscience of solidarity against a global crisis of the terrestrial ecosystem and the Covid-19 pandemic, characteristics of future education and communication in the terms of Edgar Morin (2003). We will conclude that Greta Thunberg is sceptical of the government's apathy and is authentic in her defence of climate causes, thereby decimating false inconsistencies between her educational and alarmist roles in order to criticize and reform the planetary mentalities.

**KEYWORDS:** *Biography; Climate Change; Educational; Alarmist*

## 1 Introdução

A estudante sueca Greta Thunberg foi eleita a personalidade do ano pela revista estadunidense *Time* em edição de dezembro de 2019, ao considerá-la a maior voz da atualidade a alertar contra as mudanças climáticas. Trata-se de uma ativista jovem sem estar vinculada diretamente a ONGs com a capacidade de mobilização individual, social e mundial cinquenta anos após os protestos de jovens estudantes no ano de 1968 em favor do meio ambiente. Segundo o site oficial do periódico semanal, “Mudanças climáticas são nossa realidade, e jovens ativistas como Greta estão fazendo algo com o poder de agir contra isso, e exigir uma mudança [tradução livre nossa]”<sup>1</sup> (GONZÁLEZ, 2019). Esse discurso confere singularidade política e ambiental contemporânea à Thunberg, apesar de a responsável por escolhê-la uma das cem personalidades do ano, sugerir a sazonalidade de lideranças como ela ao relembrar em texto que justifica a escolha, os movimentos pelos direitos civis na década de 1960, e seus desdobramentos nas lutas juvenis atuais.

Os jornalistas Charlotte Alter, Suyin Haynes e Justin Worland (2019) justificam no site da *Time*, sua colocação número um na lista, devido à sua excepcionalidade de criar uma mudança de atitude global por medidas urgentes, mesmo ela não tendo soluções mágicas diante de políticas climáticas tão complexas quanto os próprios fenômenos relacionados ao aquecimento do planeta. A

---

<sup>1</sup> “Climate change is our reality, and youth activists like Greta are doing everything within their power to work against it, and demand a change”.

revista francesa *Valeurs Actuelles*, no entanto, usa exatamente este argumento a respeito da complexidade científica do aquecimento global e as controvérsias apontadas por cientistas negacionistas para criticar a jovem sueca (FONTON, 2019). Ao confrontarmos a linha editorial dessas duas publicações jornalísticas, podemos até pensar na ambivalência das reações geradas pelos discursos e sentidos proferidos por Greta Thunberg, todavia, o propósito deste artigo é demonstrar também a inexistência de incoerências entre os perfis biográficos de educativa e alarmista da ativista, construídos por sites de notícias.

A Ecocrítica oferece respostas a debates sobre crise ecológica e de representação ambiental, caso do pensamento de Greta Thunberg. Segundo Greg Garrard (2006, p.23), “O desafio para os ecocríticos é ficar de olho nas formas como a 'natureza' é sempre culturalmente construída em certos aspectos, e outro no fato de que ela realmente existe tanto como um objeto e, embora distante, como a fonte de nossa fala”. Esse pressuposto sinaliza o interesse deste campo teórico e crítico não apenas pelas narrativas literárias, inclusive este teórico analisa documentários. Garrard (2006) também analisa produções factuais, entre elas, o jornalismo, e demonstra interesse de biografar nomes da tradição da crítica ecológica, caso da estadunidense Rachel Carson, considerada como escritora pioneira do pensamento ambiental moderno com seu livro de não ficção *Silent Spring* (1962) sobre os danos provocados pelos pesticidas. Greg Garrard (2006, p.18-19; p.137) perfila essa autora enquanto uma ambientalista “política” e “pragmática”. O propósito biográfico, neste sentido, tem o papel de desvendar e valorizar nomes de uma tradição ainda carente de ser amplamente revelada, consolidada e que não hierarquiza literatura, jornalismo e outros meios culturais e sociais na defesa do planeta, dos espaços naturais e de todos os seres.

Analisamos neste artigo, como narrativas publicadas na internet, representam perfis biográficos de Greta Thunberg, socialmente construídos e mediados pela mídia, por meio de discursos da própria militante e dos jornalistas. São consideradas declarações da estudante sueca a respeito das mudanças climáticas, da degradação ambiental e da pandemia da Covid-19, relacionadas ou não diante do panorama emergencial do século XXI, quando problemas políticos, econômicos, sociais e ambientais estão atrelados entre si. Compartilhamos da compreensão de que essas mudanças provocadas pelo homem são também origem de um discurso mobilizado para confrontar uma visão antropocêntrica limitada ao apontar exclusivamente fatores naturais das alterações do clima no planeta (ALMEIDA, 2017), análoga à preocupação da Ecocrítica na análise

de fatos, discursos e de suas representações. E a pandemia do novo coronavírus será referenciada enquanto “normalidade da exceção” porque ela cria as condições de sua superação de acordo com Boaventura de Sousa Santos (in TOSTES; MELO FILHO, 2020, p. 45), dependente de uma interpretação capaz de considerar causas e efeitos, a exemplo da análise da degradação ambiental e do aquecimento global.

## 2 O objeto e o método de pesquisa biográficos

Os sujeitos constroem suas próprias narrativas e acumulam seus próprios discursos, apreendidos pelas produções culturais e por outros sujeitos interessados em selecionar e mediar determinados aspectos da vida. Certos perfis são manipulados, oferecidos a outrem ou fogem de nosso controle porque, muitas vezes, não são reconhecidos por nós ou são marcados por lacunas a serem preenchidas, posteriormente. Conforme aponta Sérgio Vilas Boas (2002), biógrafos e biografados, num sentido amplo das palavras, usam as mesmas matrizes de interpretação, acumulativas e suplementares, para fazer o recorte de uma vida. Optamos pelo método de pesquisa biográfico desenvolvido por Vilas Boas (2008) para análise do repertório discursivo de Greta Thunberg acerca das mudanças climáticas e da pandemia, tendo a consciência da necessidade de distingui-lo da prática operada por escritores, jornalistas e historiadores em formato livro, também analisada por esse teórico brasileiro.

De acordo com Boas (2008), a narrativa jornalística seleciona a perspectiva por meio da qual o leitor vai observar o biografado. O autor ainda destaca o papel do jornalismo não meramente noticioso em escapar de uma visão rasa e mediar as experiências comuns dos sujeitos entre a vida pública e privada (BOAS, 2008). Deste modo, “contribui com o biografismo não apenas com técnicas de narrar, mas também no modo de pesquisar, de buscar as circunstâncias” (BOAS, 2008, p.117). Esse caráter de narrar o outro depende de técnicas capazes de garantir o acesso às vivências dos personagens, entretanto, como fazer uso delas ao migrar do jornalismo para o conhecimento científico? Vilas Boas (2008) sugere o método fenomenológico do qual parte com o objetivo de construir um suporte teórico que dê conta de investigar as formas por meio das quais um jornalista biografa os sujeitos dos fatos, acontecimentos e da história: “Como pesquisadores, entramos, tão fundo quanto possível, no campo fenomenológico de nosso biografado e trabalhamos com ele,

conjuntamente, a fim de compreendermos a extensão das experiências e seus significados” (BOAS, 2008, p.32). Ele concorda com a ideia desses sentidos do sujeito migrarem da perspectiva dele próprio à perspectiva do pesquisador. A fenomenologia do outro, assim, se constitui por conta de um perspectivismo em trânsito.

Wilson Gomes (2009) também faz uma leitura fenomenológica do jornalismo, pois, segundo o crítico brasileiro, o fato não é um dado definitivo e independente da subjetividade de quem o testemunha ou conhece. É bem mais do que sua manifestação na natureza, sendo objetivamente dado através da manifestação dos sentidos (GOMES, 2009). A fenomenologia do fato ainda presume parâmetros de sua própria interpretação, os quais induzem sua apreensão (GOMES, 2009). O perspectivismo jornalístico, nos termos de Wilson Gomes (2009), configura-se não apenas pela experiência direta,

[...] mas sobretudo porque mesmo na percepção direta a nossa experiência intervém de forma a constituir os seus dados, segmentando espontaneamente uma unidade dramática no contínuo dos eventos, valorando implicitamente os seus elementos, fazendo entrar em jogo os conhecimentos anteriores da testemunha, a trama dos próprios desejos e dos próprios interesses sociais na organização dos seus materiais etc, de forma que o presumido “fato em si mesmo” não está ao nosso alcance quando o percebemos, tão pouco quanto quando o enunciamos (GOMES, 2009, p.48).

Desta forma, os fatos são objetificados por distintas perspectivas dos jornalistas, personagens, das fontes informativas e testemunhas. Eles deixam de ser fatos em si mesmo e passam a ser mediados, inclusive por emoções, daí o autor defender: “Para onde quer que nos ‘movamos’ em busca do universal e público a perspectiva move-se conosco e se refaz; mesmo se dela ‘sairmos’ será sempre para uma outra perspectiva” (GOMES, 2009, p.49). Então, o construto fenomenológico se (re)faz de acordo como o fato se apresenta e o mediador o percebe. O perspectivismo possui suas regras na apreensão dos sentidos:

É possível fazer com que um fato *diga* [grifo do autor] muitas coisas, é possível interpretá-lo de várias maneiras e, em alguns casos, num número potencialmente infinito de modos; o que não é possível e, sobretudo, não se pode fazer com legitimidade, é fazê-lo *dizer* [grifo do autor] o que efetivamente não diz, interpretá-lo de qualquer sorte. A interpretação tem limites e estes limites são dados pela *autonomia outorgada* [grifos do autor] do fato (GOMES, 2009, p.61-62).

Assim, Wilson Gomes tanto quanto Vilas Boas (2008), alarga a movência das perspectivas factuais e limita sua objetificação individual a partir da interpretação por parte dos diferentes sujeitos. Por isso, defende a operação mimética e tautológica da narrativa jornalística:

*Mimética* [grifo do autor] porque a narrativa nos daria uma nova presença, uma representação das coisas já havidas ou que se estão passando em outro lugar; *tautológica* [grifo do autor] porque o evento como que se desdobraria, duplicar-se-ia, dar-se-ia uma segunda vez diante do leitor do relato (GOMES, 2009, p.13).

O jornalista, deste modo, forja uma nova edição do fato a ser mediado e reconhecido pelo público receptor das matérias jornalísticas. Podemos fazer uma analogia com o pressuposto da Ecocrítica partindo do meio natural apreendido em si e construído culturalmente. Baseados nesta espécie de controle fenomenológico, ao reconhecer uma factualidade objetificada cujos sentidos de realidade migram de sujeito a sujeito, voltamos a discutir o biografismo a partir da compreensão de Sérgio Vilas Boas (2008) para analisar as representações de perfis de Greta Thunberg.

A questão problematizada aqui diz respeito às experiências e perspectivas às quais o pesquisador tem acesso. Neste sentido, Boas (2008) compartilha a assertiva a respeito da compreensão do outro enquanto processo intersubjetivo envolvendo múltiplas consciências individuais. Trata-se de uma empatia, de

[...] um estado de consciência no qual uma pessoa experimenta e participa com outra pessoa de um fluxo de pensamentos, sentimentos e significados. Ao mesmo tempo, também está consciente do contexto maior no qual os dois existem. Nesse estado, opostos podem coexistir sem grandes contradições (BOAS, 2008, p.30-31).

Seguindo a trilha de um controle fenomenológico, devemos investigar os discursos do sujeito biografado em si e suas representações miméticas e tautológicas feitas pelos jornalistas nas webmatérias, produzidas para sites de notícias, tendo a ciência de uma coexistência de olhares comuns e distintos. Nós precisamos encarar a empatia com os sujeitos da pesquisa numa base de reflexividade pautada na preocupação de registrar a experiência do outro, na “permanente tentativa de o pesquisador sentir o que sentiria se estivesse nas mesmas situações e circunstâncias experimentadas pelo outro” (BOAS, 2008, p.33). Por isso, Vilas Boas (2008) avança nas discussões do método e propõe um viés metabiográfico, no qual a explicação do sujeito se torna o próprio sujeito e o pesquisador tanto quanto o autor examina o processo do biografar outrem e a si mesmo.

O construto fenomenológico opera com a reduplicação mimética e tautológica dos perfis dos sujeitos, os quais refletem seus próprios modos de mediar a realidade e o meio social, segundo os pressupostos de Wilson Gomes (2009). Neste sentido, “[...] a biografia do indivíduo é apreendida como um episódio localizado dentro da história objetiva da sociedade” (BOAS, 2008, p.50). A reconstrução do contexto histórico e social de onde o biografado sofre um recorte jornalístico por parte do jornalista ajuda a compreendê-lo (BOAS, 2008). A angulação, o enquadramento da singularidade do sujeito em seu espaço de fala e ação já não resgata o sujeito em si, mas perpassa por um crivo fenomenológico porque essa singularidade depende de quem observa e implica, necessariamente, algum juízo de valor (BOAS, 2008). Desta forma, a pesquisa de perfis em narrativas de suporte fenomenológico implica na seleção de determinados sentidos a migrar do jornalista às fontes, testemunhas e ao próprio biografado, portanto, sempre suplementares. O método metabiográfico proposto por Sergio Vilas Boas (2008, p.164) trata de inserir e resgatar o personagem de um “sistema de discurso”, reconhecendo como ele é objetificado, mimetizado e permeado por uma tautologia de perfis reduplicados, reconstruídos nos termos de Wilson Gomes (2009).

Esse biografismo por meio do jornalismo, porém, nunca é definitivo, cabendo a cada pesquisador encará-lo enquanto “risível”, ou seja, reconhecendo no sujeito um ser inacabado cujos perfis estão em constante construção e mudança (BOAS, 2008, p.170). Daí, aplicarmos o método biográfico na análise da ativista Greta Thunberg considerando o contexto delimitado e apreendido pelas produções digitais antes e após a Conferência do Clima da ONU em Nova Iorque e a Cúpula do Clima realizada em Madrid no ano de 2019, também anteriores e posteriores ao surgimento da pandemia da Covid-19, cujas origens de tempo e lugar ainda estão sendo investigadas. Realidade e biografado se imbricam e se oferecem enquanto potenciais fontes de informação e perfis de referência individual, coletiva, social e universal. “Do ponto de vista narrativo, eis aí uma possibilidade concreta de concatenarmos as facetas do personagem como um conjunto de perfis em que cada perfil explore uma faceta/episódio diferente da pessoa; e cada faceta seja parcela de um hipertexto” (BOAS, 2008, p.244-245). Assim, cada característica perfilada numa narrativa factual implica em atitudes por parte do sujeito, e por meio delas reconhecemos quais as intenções consigo, com os outros e o mundo, postas, manifestas, a serem reveladas e complementadas. O pesquisador



reconhece em si a necessidade de legitimar ou não os perfis e as ações carregadas de intenções do sujeito em si e em constante movência.

Diante dessas questões mobilizadas pelos autores brasileiros, podemos apontar algumas técnicas do método metabiográfico que utilizaremos no presente artigo: análise dos perfis a partir do perspectivismo, da contextualização, da objetificação, subjetivação e da correlação dos discursos jornalísticos. Através dessas técnicas, podemos identificar como o biografismo é desenvolvido por cada sujeito da produção e migra de sujeito a sujeito, de discurso a discurso, logo, carregado de sentidos subjetivos e objetivos sempre em circulação. Esse processo é similar à “subjetivação” apontada por Stuart Hall (in SILVA, 2000, p. 105). Segundo este teórico, a constituição do sujeito e de sua subjetividade é implicada pelas práticas discursivas. A trajetória é uma via dupla: o sujeito para se exteriorizar, emergir, precisa interpelar discursivamente sua intimidade e objetificá-la. Interessa-nos aqui, o uso do jornalismo por parte do personagem da notícia a fim de se interiorizar e expor publicamente fatos, desejos e impressões. A pesquisa desta subjetivação deve levar em conta a mediação do jornalista e os usos das práticas e dos processos jornalísticos com o intuito de ter acesso às narrativas dos sujeitos. Neste artigo, atentaremos aos modos de operação da cobertura midiática ambiental.

### 3 Paradigmas do jornalismo na cobertura ambiental

A cobertura jornalística ambiental demonstra sua capacidade de problematizar paradigmas factuais na contemporaneidade, a exemplo da objetividade no tratamento dos fatos. Bob Wyss (2008) aponta o caráter complexo e desafiador da pauta ambiental. Segundo ele, essa especialidade da profissão combina as coberturas científicas e políticas, propícias à tomada de posição por parte do profissional de mídia. Diante da cobrança por um jornalismo caracterizado pela imparcialidade e pelo balanceamento das declarações feitas por entrevistados, o repórter não vai tomar partido em favor do meio ambiente? Wyss (2008, p.241) lembra que o termo objetividade pode ser enganoso desde o momento, no qual o repórter seleciona suas pautas, todavia, “Embora a seleção, a reportagem, a redação, a edição e a apresentação de matérias sejam seletivas, o bom jornalismo ainda exige que os repórteres ambientais sigam certos princípios em cada aspecto da narrativa



[tradução livre nossa]<sup>2</sup>. O autor, em seguida, enumera esses critérios jornalísticos: precisão factual, rigor na transparência dos fatos, confrontar a informação fabricada e a baseada em fatos, ser justo com demandas ambientais, expressar a razão de cobrir determinadas matérias e apreço pela reportagem ambiental (WYSS, 2008). Ele compartilha a ideia de adesão do jornalista ao balanceamento entre objetividade e defesa das causas ecológicas (WYSS, 2008). Considerando pressupostos ecocríticos aplicados à comunicação e ao jornalismo, o profissional da mídia trabalha com os fatos e a construção social discursiva das demandas ambientais. Caso o público almeje ter orientações, a mídia perde credibilidade quando os repórteres perdem ou têm má atenção às pautas importantes (WYSS, 2008).

O aquecimento global, uma das consequências das mudanças do clima provocadas pelo homem, assim acreditamos, é sempre um tema dependente de precisão, rigor, transparência e engajamento por parte dos jornalistas. Almeida (2017), por um lado, se baseia na proposta de análise climática de David Archer e Stefan Rahmstorf (2010), tratando da detecção de dados, atribuição de causas e balanço de evidências, para propor a interpretação padrão baseada nessas três etapas e a complexa de confronto de fatores e consequências entre diferentes contextos no jornalismo e, por outro lado, assinala a diversidade de fontes entrevistadas nas produções da área. O discurso refratário na cobertura desta problemática interpela fontes oficiais/institucionais e não oficiais/cidadãos acerca das causas do passado recente e dos impedimentos da recorrência dos fatos no porvir (ALMEIDA, 2018). O jornalismo de mudanças climáticas precisa se enredar nas narrativas subjetivas além do tratamento objetivo (ALMEIDA, 2018). A cobertura jornalística deve ser um construto radial, convergente de ofertas e demandas de problemáticas de gênero, classe, raça, etnia, geração, através do qual os sujeitos legitimam individualmente, coletivamente e socialmente suas subjetividades e seus direitos a uma natureza preservada, entre eles cidadãos sem ligação com instituições e instituídos em suas manifestações discursivas como fontes não oficiais (ALMEIDA, 2018).

Teóricos e críticos do jornalismo a respeito do aquecimento do planeta têm se preocupado em alertar sobre o posicionamento de discursos científicos e leigos. Autores como Richard Maxwell e Toby Miller (in BOYCE; LEWIS, 2009) defendem que as manifestações discursivas contrárias ao

---

<sup>2</sup> “While story selection, reporting, writing, editing, and story presentation are all selective, good journalism still demands that environmental reporters follow certain tenets on each aspect of the story”.

argumento das mudanças antropogênicas do clima, ou seja, provocadas pelo homem, dizimam a responsabilidade coletiva e estatal em relação ao problema. Já Maxwell Boykoff (2011) critica a norma do balanceamento de vozes promotor de uma concepção antropocêntrica das mudanças climáticas, centrada exclusivamente em isentar a humanidade da responsabilidade de seus atos; ao contrário disso, a cobertura jornalística deve fazer uso do entendimento científico sobre as distorções das suas causas e dos seus efeitos, nem hierárquica e nem balanceada, mas de denúncia dessas distorções. A contextualização, segundo Boykoff (2011, p.69-70), contribui para esvaziar controvérsias geradas pelas “incertezas”, entretanto, mais declarações de cientistas não resolvem atritos com as vozes políticas e nem substituem seus argumentos (BOYKOFF, 2011).

As fontes não oficiais, representadas enquanto cidadãos cujos testemunhos dos fatos são deslocados dos discursos capazes de representar determinadas instituições ou organizações, além dos jornalistas, também podem interpretar as mudanças do clima e revelar o regime de encobrimento das problemáticas climáticas por parte dos poderes públicos, ao serem as maiores vítimas e, muitas vezes, pouco causadoras desses males contemporâneos. “Essas considerações de ‘quem fala pelo clima’ através da mídia de massa deve ser tão importante quanto as arquiteturas formais de governança climática para o sucesso de longo prazo ou fracasso dos esforços para tirar o carbono da atmosfera ou mantê-lo fora [tradução livre nossa]”<sup>3</sup> (BOYKOFF, 2011, p.188). Tão importante quanto a autoria dos enunciados engajados em alertar contra o aquecimento global, investigar como perfis positivos em relação às causas das mudanças climáticas são desenvolvidos nas narrativas jornalísticas ajuda a pensar modelos visíveis por parte do público, capazes de dissipar o negacionismo climático.

Analisaremos o construto dos perfis biográficos de Greta Thunberg engajados em personalizar o alerta sobre as causas e os efeitos dessas mudanças, da degradação do meio ambiente e da pandemia do coronavírus em produções de sites de notícias (*France Presse, G1, Deutsche Welle Brasil e BBC News Brasil*) no período de 2019 a 2020. A jovem sueca foi se constituindo em fonte de informação de modo “cumulativo”, nos termos de Mauro Wolf (2009, p. 139), até se oferecer enquanto agente de notícia, sua imagem e seu sistema discursivo em favor de uma causa de apelo planetário. A partir das discussões de Maurice Mouillaud (in MOUILLAUD;

---

<sup>3</sup> “These considerations of ‘who speaks for climate’ via mass media may be as important as formal climate governance architectures themselves to the long-term success or failure of efforts to take carbon out of the atmosphere or keep it out”.

PORTO, 2002, p.120), podemos dizer que ela passou a ter ligações “orgânicas” e engajadas com a produção de seus enunciados, e, deste modo, se destacou além de seus discursos. Essa movência para além dos próprios sentidos permite ao jornalista se apropriar deles e parafraseá-los em manifestações discursivas indiretas e até mesmo nas diretas, cuja fidelidade vai depender do crivo do jornal ao demarcá-la totalmente ou delimitá-la parcialmente entre aspas. O caráter risível dos depoimentos dos entrevistados, ou seja, aberto à apreensão de outros sujeitos vai depender dos modos do profissional de mídia em operar com a fidelidade total, geralmente forjada porque sempre as entrevistas são editadas, ou parcial, em relação aos discursos originários.

A configuração de informantes em fontes e agentes tem fronteiras fluidas, mas eles passam a agenciar suas operações discursivas quando ganham cada vez mais “status”, evidência midiática além da evidência social (MOUILLAUD in MOUILLAUD; PORTO, 2002, p.120). Neste caso, segundo Mouillaud (in MOUILLAUD; PORTO, 2002, p.131), o “poder-dizer” funciona como uma “pressuposição”, ou seja, o agente de informação é resgatado frequentemente pelos meios para proferir ideias de interesse factual e social conforme os usos jornalísticos. Os discursos desses agentes precisam ser fidelizados e operados pelas rotinas, práticas e pelos processos do jornalismo. O jornal não está mais centrado sobre o dizer de origem e sim, a respeito de sua interpretação, sua construção social e cultural. O dizer é apenas o sintoma de um sentido “atualizado por um discurso”, mas este não é o operador necessário se não for antecedido pela fidelização dos informantes (MOUILLAUD in MOUILLAUD; PORTO, 2002, p.138). No caso da análise do corpus aqui proposta, daremos atenção ao caráter de legitimidade cumulativa, suplementar e mútua entre Greta Thunberg e os meios de comunicação, de modo que as mudanças climáticas, seus fatores e seus efeitos, entre eles, o aquecimento global, o surgimento e a proliferação de pandemias, sejam preferencialmente angulados.

#### **4 Perfis jornalísticos cumulativos de uma ativista climática**

A análise do biografismo cumulativo da ativista sueca em quatro narrativas será feita levando-se em consideração as técnicas de perspectivismo, contextualização, objetificação, subjetivação e metabiografismo dos discursos e perfis. Apesar de não ser uma fonte científica, Thunberg foi se constituindo em agente e referência de informação cujas perspectivas e cujos

contextos e relatos em torno dela interessam ao público dos meios de comunicação. Ela passou a ser convidada para participar de manifestações e conferências do clima, e contra o aquecimento global devido aos protestos feitos em frente à sua escola, na Suécia. Assim, constitui-se numa fonte de informação híbrida não oficial e oficial, ou seja, cidadã e institucionalizada devido à sua participação em eventos internacionais da área ambiental, apesar de não estar veiculada à instituição, a governo, a partido, a núcleo de pesquisadores ou às ONGs.

*Um ano após lançar greve escolar pelo clima, Greta Thunberg diz que mensagem está sendo mais aceita* (France Presse/G1), de 13/08/2019, foi divulgada um ano após o início desses protestos e começa atribuindo à ativista a crença de que “sua mensagem está sendo mais aceita, embora as ações concretas ainda sejam insuficientes” (FRANCE PRESSE/G1, 2019). O discurso revela o ceticismo em relação às ações mobilizadas pelos governantes para reduzir as causas e os efeitos das mudanças climáticas. Em seguida, a matéria legitima a coerência ambientalista por parte da ativista ao viajar de veleiro do Reino Unido até Nova York, evitando assim, a emissão de gases poluentes na atmosfera causada pelas aeronaves. A personagem enxerga nas críticas a prova de sua influência sobre a opinião pública: “O debate está mudando. Sinto que as pessoas estão encarando isto com mais urgência, estão começando a se conscientizar mais, lentamente” (FRANCE PRESSE/G1, 2019). Essas palavras da biografada em destaque no corpo da narrativa factual carregada de desejos exteriorizados são ambivalentes porque, ao mesmo tempo, expressam sua autoconfiança, mas também reforçam a forma cética como encara a reação e mobilização lenta em torno da causa.

Conforme destaca Homi Bhabha (1998, p.87), “É somente pela compreensão da ambivalência e do antagonismo do desejo do Outro que podemos evitar a adoção cada vez mais fácil da noção de um Outro homogeneizado, para uma política celebratória, oposicional, das margens ou minorias”. A ativista, inserida num grupo seletivo de manifestantes da causa ecológica, demarca sua oposição ao negacionismo climático dos representantes das elites políticas e econômicas por meio de duas facetas capazes de ampliar os apoiadores e restringir os opositores, mantendo-se a alarmista coerente e a cética esperançada. Segundo Thunberg, “Quando você vê o panorama geral, não está ocorrendo quase nada positivo” (FRANCE PRESSE/G1, 2019) em termos de ações, todavia, essa voz aparentemente isolada “dominou as manchetes” e “se reuniu com vários líderes políticos e empresários de toda a Europa” (FRANCE PRESSE/G1, 2019), além de conseguir

um veleiro de competição apropriado para não emitir carbono por conta de painéis solares e turbinas submarinas a fim de fazer a travessia no Oceano Atlântico e amplificar sua causa. O ato serve de ilustração como não contribuir com o aquecimento global e cabe nas representações midiáticas por conta da imagem gerada ao público e agregada a discursos já evidentes.

A representação de seu perfil cético segue na narrativa jornalística quando ela trata de sua opção de evitar a poluição atmosférica: “Isto só mostra quão impossível é viver de forma sustentável hoje em dia, é absurdo que você tenha que navegar pelo oceano Atlântico deste modo para chegar lá sem produzir emissões” (FRANCE PRESSE/G1, 2019). Faz autorreferência mais à sua singularidade do que ao seu isolamento enquanto personificação do ativismo climático ao ser “uma das poucas pessoas do mundo que podem fazer isto, quero aproveitar esta oportunidade de fazê-lo” (FRANCE PRESSE/G1, 2019). E esnoba o presidente dos Estados Unidos da época, Donald Trump, ao se referir à falta de um encontro público em sua agenda, pois “Não posso dizer nada que ele não tenha ouvido antes” (FRANCE PRESSE/G1, 2019). Desta maneira, parece adotar o regime de não dialogar com personalidades de posições contrárias do mesmo jeito como fazem certas autoridades políticas negacionistas das mudanças climáticas em relação aos ativistas.

Seu ceticismo ora tem a consciência do limite de agregar simpatizantes, ora isola o diálogo estrategicamente planejado no contexto de conflitos e contradições. Trata-se de uma autenticidade fechada ao convencimento diante do contraditório. Apesar de ter participado do Fórum Econômico Mundial, de reunião da ONU e ser indicada ao Nobel da Paz, é cética em relação a certos convites conforme aponta a matéria da *France Presse*: “Muita gente vê isto como uma oportunidade para convidar a nós, os grevistas escolares, para limpar seu nome, de algum modo” (FRANCE PRESSE/G1, 2019). Daí, se reconhecer capaz de impactar as ideias sobre o clima, as crianças e os jovens de sua faixa etária, além de ignorar os oportunistas “porque ao mesmo tempo é um bom sinal, de que, de fato, eles estão tentando fazer com que nos calemos, o que quer dizer que estamos tendo um impacto, e que eles nos vêem [sic] como uma ameaça” (FRANCE PRESSE/G1, 2019). Tal discurso revela seu perfil de líder construído a partir do fato de se fazer representante da opinião pública global, reunindo-as em torno da realidade dos efeitos climáticos. “E então, juntos, criar uma opinião internacional, e um movimento para que as pessoas permaneçam unidas e pressionem os poderosos” (FRANCE PRESSE/G1, 2019). No entanto, apesar de engajada, se define enquanto “mera ativista” mesmo tendo a “força especial” dos adolescentes: “Dizemos as coisas como elas são,

não estamos preocupados em ser educados. E fazemos com que as pessoas se sintam muito culpadas” (FRANCE PRESSE/G1, 2019). Esse discurso finaliza a narrativa, parecendo problematizar os perfis biográficos de Greta Thunberg para que o público tome uma posição a respeito de sua personalidade.

Estaria a agência de notícias francesa marcando uma contradição entre os perfis de autêntica, cética, alarmista e educativa? O biografismo é forjado na matéria apenas com declarações da personagem dos fatos, mas os sentidos migram de discurso a discurso, colocando em posições opostas o ceticismo e o diálogo, o papel de alarme planetário e pedagógico das consciências. Cabe ao leitor e ao pesquisador confrontar essas perspectivas tal qual sugerido no final da webmatéria. Ao se referir como “mera ativista”, acreditamos que Thunberg tem a consciência de até onde pode ir ao convencer acerca do aquecimento global diante de seus efeitos no planeta Terra. Da mesma forma, forja seus seguidores enquanto também ativistas do clima. Assim, a opinião e o movimento internacional dependem de um engajamento capaz de jogar em duas frentes: reduzir a força dos negacionistas e ampliar o número de apoiadores da causa. Nesse contexto de contradições, o construto biográfico modela perfis ora alarmistas, ora educativos, legitimando a capacidade cética frente ao diálogo, algumas vezes impossível. Desta maneira, o alarme público e global tem a consciência ambígua de agregar e fortalecer a liga dos apoiadores, ao mesmo tempo em que forja enfraquecer a corrente do negacionismo. E o caráter educativo reforça esse jogo de saber lidar com as diferenças ao mostrar o diálogo como processo do qual fazem parte apenas aqueles sujeitos abertos a ele, mesmo esse caráter na narrativa se limitando à crença do seguinte enunciado: “[...] juntos, criar uma opinião internacional, e um movimento para que as pessoas permaneçam unidas e pressionem os poderosos” (FRANCE PRESSE/G1, 2019).

Os perfis de engajada e cética prevalecem e transitam de modo metabiográfico entre as palavras da agência de notícias de que “embora as ações concretas ainda sejam insuficientes”, “sua reivindicação está influenciando as pessoas” e enunciados da biografada para quem “não está ocorrendo quase nada positivo”, mas “quero aproveitar esta oportunidade de fazê-lo”, pois “Se faço isto é porque estou tendo um impacto” (FRANCE PRESSE/G1, 2019). Sua forma de agregar pessoas e criar uma opinião internacional gera sentidos dispostos a se sobrepor ao fato de “não estarmos preocupados em ser educados” (FRANCE PRESSE/G1, 2019), e isso se hierarquiza em quase todo o discurso da matéria, entretanto, esbarra nos sentidos problematizados no

encerramento da narrativa, no qual a despreocupação em ser educada e o desejo de fazer com que os negacionistas se sintam culpados parecem gerar contradições entre os perfis enumerados, até porque Thunberg sugere não se conformar em seu ceticismo diante do negacionismo climático e da apatia. Cria um hipertexto em torno de si, o qual parte para a sua subjetivação e vai objetificando camadas de sentidos e perfis dispostos em dispersar conflitos em torno de seu nome e buscar compartilhamento de suas ideias através das produções jornalísticas, mobilizadas a prever a urgência e importância das causas climáticas, sem gerar distorções e incertezas. Na webmatéria da *France Presse* e do *G1*, o sistema discursivo da jovem engajada e da agência de notícias tem a preocupação de repercutir suas atividades públicas, porém, não relata dados, causas e consequências da problemática global. Vejamos se os sentidos da análise climática, de engajamento, ceticismo e educação são cumulativos nas matérias seguintes a serem analisadas.

Em *A coerência de Greta Thunberg na luta pelo clima (Agência Deutsche Welle Brasil)*, de 20/08/2019, ela é inicialmente legitimada enquanto voz pública e ativista pela causa climática e coerente ao “atravessar o Atlântico sem gerar emissões”, que saiu do anonimato ao protestar em favor da “greve escolar pelo clima” em frente ao Parlamento sueco em Estocolmo (DEUTSCHE WELLE BRASIL, 2019). A referência ao boicote escolar às aulas das sextas-feiras conhecido por “Fridays For Future” [Sextas-feiras pelo Futuro] até pode descolar da sua imagem de personificação da causa, o caráter de educativa. Diante da ampliação do manifesto em outros países, “Para muitos ativistas, a estudante tornou-se uma espécie de ícone” (DEUTSCHE WELLE BRASIL, 2019), capaz de gerar sentidos em torno dela. Em seguida, a matéria esclarece a problemática da greve escolar ao tratar de sua ruptura com a “educação compulsória” como “o impulso necessário para fazer uma revolução, atraindo multidões de jovens às ruas” (DEUTSCHE WELLE BRASIL, 2019). Objetifica, assim, suas ideias de engajamento, ativismo e uma nova educação pelo clima. Daí, a primeira seção da matéria ser intitulada “O nascimento de um movimento global” (DEUTSCHE WELLE BRASIL, 2019).

O perfil de engajada é reforçado na segunda seção da narrativa jornalística, na qual a agência de notícias aponta que a biografada não se intimidou diante da plateia da Conferência do Clima da ONU, na Polônia, e denunciou: “A nossa biosfera está a ser sacrificada para que pessoas em países ricos como o meu possam viver com luxo” (DEUTSCHE WELLE BRASIL, 2019). E os sentidos dos perfis de engajada e alarmista migram desta declaração do problema em si, indicando,



de certa forma, a causa do consumismo capaz de impactar a biosfera terrestre, e são amplificados em outro discurso, proferido no Fórum Econômico Mundial, em Davos, e objetificados jornalisticamente ao ganhar status, evidência e caráter cumulativo também no parágrafo seguinte: “Eu quero que vocês entrem em pânico. Eu quero que sintam a mesma ansiedade que sinto todos os dias. Depois, quero que ajam como se a nossa casa estivesse em chamas, porque afinal está” (DEUTSCHE WELLE BRASIL, 2019). Seu papel de líder é forjado e reforçado na repetição da forma verbal “quero”, e agregado a ele uma espécie de alarmismo pedagógico acumulado nas palavras da *Deutsche Welle Brasil*, segundo a qual, na Comissão do Meio Ambiente do Parlamento Europeu, na Assembleia Nacional da França e no Parlamento londrino, “Repetidamente, a estudante alertou para o futuro devastador que espera a humanidade, como mostram todas as previsões científicas, se nada for feito contra o aquecimento global” (DEUTSCHE WELLE BRASIL, 2019).

A matéria indica o próprio esforço da agente de informação em legitimar um discurso cumulativo na mídia, desenvolvendo ligações “orgânicas” com ele e uma pressuposição do “poder-dizer” a depender da fidelização por parte dos meios, nos termos de Maurice Mouillaud ((in MOUILLAUD; PORTO, 2002, p.120; p.131). Mesmo que cada enunciado reproduzido legitime a seu modo ora uma perspectiva alarmista, ora educativa, no seu conjunto, o discurso da personagem dissipa qualquer tentativa de atribuir a ela incoerência pela presença desses dois perfis evidenciados de modo em comum e mútuo no jornalismo, além de ser na sociedade e institucionalmente nos parlamentos, nas conferências e na ONU. A narrativa nas duas próximas seções, todavia, descreve as personalidades apoiadoras e inimigas da ativista, forjando dispersar os perfis biográficos de alarmista e pedagógica da mensagem climática em constante tentativa de atrelamento, tanto por parte de Greta Thunberg, quanto pelos sites de notícias. Se o apoio de artistas, periódicos, indicação de prêmios, autoridades políticas e religiosas não parece “causar muita comoção”, motiva a jovem sueca a continuar transmitindo sua mensagem. Por mais que os negacionistas conservadores e populistas aleguem “que uma menina de 16 anos não consegue entender as relações internacionais”, sendo “vítima de uma ampla campanha de difamação” cujo propósito é despersonalizar sua pressuposição, sua evidência social e sua autoridade pública de agente de informação oficial na mídia, o *Deutsche Welle Brasil* opera para equilibrar apoios, dissidências céticas e até violentas em relação a ela:

Embora não goste de ser o centro das atenções, Greta Thunberg sabe perfeitamente como encenar as suas aparições públicas. Dificilmente faz um passeio de comboio sem escrever um tweet. O post não é uma mera selfie de adolescente, mas publicidade a viagens amigas do ambiente (DEUTSCHE WELLE BRASIL, 2019).

De fato, a estudante sueca gera uma imagem de personalidade, contudo, a agência de notícias não expressa um caráter essencialista embora ecológico, sabendo o processo cumulativo de Thunberg para se tornar uma agente de informação capaz de oferecer pautas de interesse planetário a respeito das mudanças climáticas, cuja evidência social gera e depende das rotinas jornalísticas e do construto metabiográfico. Ao mesmo tempo em que legitima essa imagem, também critica seus modos de operar a pressuposição de personalização de um problema crônico por meio de “encenações” e produções fotográficas. Adiante, oferece uma espécie de direito de resposta, deixando a personagem da notícia falar, justamente por saber operar o valor de seu discurso já pressuposto pela mídia como movente, legítimo socialmente e globalmente. Expressa o sucesso de seu propósito educativo, mesmo sendo alarmista: “As reações violentas também mostram que os nossos protestos pelo clima atingem um ponto fraco e têm efeito. E isso é positivo” (DEUTSCHE WELLE BRASIL, 2019).

Usando o verbo declaratório “rebateu” após essas palavras e informando sobre o “ano sabático”, tempo no qual não vai frequentar a escola, a produção jornalística continua tentando lidar com as aparentes controvérsias da ativista. Porém, vistos no plano geral dos discursos presentes, reforçamos aqui, seus perfis de alarmista e educativa transitam pelas aparentes contradições, porém, seguem convergindo no movimento duplo de atacar os negacionistas e agregar cada vez mais apoiadores em favor da preservação da Terra, mesmo que para isso acontecer, seja necessário esnoabar o diálogo dirigido aos opositores. Atitude a ser vista até de forma coerente por parte da sueca e de seus seguidores, afinal viajou num veleiro onde a eletricidade “é gerada por painéis [sic] solares e turbinas submersas” e “mais uma vez mostra a coerência inabalável da ativista ambiental na luta contra as alterações climáticas” (DEUTSCHE WELLE BRASIL, 2019). Embora estando longe de ser um modelo para a travessia do Atlântico, conforme aponta o site, a opção sustentável da jovem ganha fórum simbólico, reforçando sua estratégia de seguir pressupondo, agenciando e movimentando sua imagem, seus discursos e as soluções em favor do clima, necessários ao planeta e aos meios de comunicação.

O alarmismo da pressão e a educação do enfrentamento, convergentes entre si, circulam entre os discursos do portal alemão e da personagem, manipulando sentidos além das controvérsias, ficando a cargo da agência de notícias apaziguar impressões capazes de dispersar a imagem e o discurso preservacionista da ativista. Ela serve às emergências do presente e às perspectivas do porvir, mobilizando mensagens provenientes da atitude de sua geração e de sua condição de estudante que também educa desde a primeira greve pelo clima. Não substitui as perspectivas dos negacionistas científicos e políticos, mas reclama a responsabilidade coletiva e estatal em relação ao problema. Sem ser cientista ou chefe de estado e sem garantir uma interpretação padrão ou complexa (inclusive nem ela, nem o jornalista apontam dados capazes de detectar a problemática em questão), transita entre os perfis oficiais e não oficiais de fonte de informação. Serve à angulação de fatos e desejos cujos sentidos cobram certa parcialidade, e ajudam os profissionais de mídia a confrontar a informação fabricada e a baseada em fatos mesmo carente de dados, fatores, efeitos e contextualização, e a ser justos com demandas ambientais do planeta. Como a primeira matéria demarca mais fortemente a perspectiva cética, no caso desta segunda matéria jornalística, a perspectiva alarmista se sobrepõe, e num caso e no outro, superam as contradições e convergem a um propósito educativo acerca das mudanças do clima. A análise climática, contudo, segue carente de dados, fatores e efeitos comprobatórios.

A terceira narrativa *Ativista Greta Thunberg chega à Suécia após quatro meses de viagem para participar de Cúpula e Conferência do Clima da ONU (G1)*, de 17/12/2019, portanto, legitima sua “voz ativa na defesa de políticas efetivas que reduzam a emissão de gases poluentes” e sua coerência ao emitir pouco carbono em suas viagens, incluindo travessia de 6,3 mil km em veleiro com “zero emissão de carbono” (G1, 2019). Sua mensagem, logo, amplia a organicidade dos sentidos climáticos devido ao status de sua imagem e seu sistema discursivo construído em um ano de aparições públicas e midiáticas. O portal, todavia, prefere demarcar em citação, a autoria da personagem da notícia no trecho referente à indicação de carbono, se isentando de apurar a informação quantitativa. A matéria compartilha o discurso engajado da ativista sobre a força “imparável” dos jovens, palavra delimitada entre aspas, e sua capacidade de pressionar os líderes mundiais. E de modo cumulativo, desdobra essa discussão da tentativa de responsabilidade do tema sob movência, agregando o sentido atribuído pelo secretário-geral da ONU de que os governantes “falam muito e ouvem pouco” (G1, 2019). Este outro trecho parcialmente citado expressa, mais uma

vez, a isenção do portal *G1* de incorporar a necessidade atribuída à entrevistada de acumular discursos e vontades referentes a si e aos alvos de sua crítica.

É a única matéria entre todas aqui, analisadas a abrir espaço a discurso citado de outro declarante, além da personagem da notícia. Opera o construto jornalístico, nos termos de Maurice Mouillaud (in MOUILLAUD; PORTO, 2002, p.119), por um lado, trata de enunciados como se fossem seus, e por outro lado, conserva estrategicamente o “status” de determinadas fontes de informação. A webmatéria em questão hierarquiza enunciados capazes de pressupor a preservação do planeta e da humanidade. Mouillaud (in MOUILLAUD; PORTO, 2002) indica o regime discursivo do jornalismo em dissimular sua manipulação ao naturalizar os depoimentos dos entrevistados entre aspas, no entanto, os usuários de notícias na internet estão devidamente preparados na atualidade para entender que há interferência em cada manifestação discursiva citada ou parafraseada. Na narrativa do *G1*, a angulação se revela ao agregar declarações de sentidos comuns, seja autorizando a naturalização e a autonomia dos discursos em citações, seja deslocando sua autoria forjada nas palavras do portal.

Trata os próximos discursos de Thunberg contra os negacionistas como contundentes e entre aspas, atribuindo a ela a autoridade de alarmar os adultos e os líderes globais, mesmo sendo uma jovem estudante:

“Como ousam? Vocês roubaram meus sonhos e minha infância com suas palavras vazias [...] Isso está errado, eu não deveria estar aqui. Eu deveria estar na escola, do outro lado do oceano [...] Vocês ainda se aproximam de nós, jovens, para ter esperança. Como ousam?” (G1, 2019).

O discurso, parcialmente citado entre aspas e seguido por palavras do próprio site de notícias, para o qual a estudante responsabiliza os adultos por não fazerem o bastante pelo meio ambiente, marca a ambivalência não homogênea e “oposicional” dos sentidos cético e alarmista da biografada na expressão “Como ousam?”, cumulativa a outra declaração que legitima adiante o alarme global feito pela ativista: “Estamos no início de uma extinção em massa e tudo o que vocês falam gira em torno do dinheiro e um conto de fadas de crescimento econômico eterno. Como ousam?” (G1, 2019). A persistência em dirigir suas palavras a respeito do problema em si e amplificado às autoridades presentes na Cúpula do Clima permite o ceticismo alarmista, incapaz de se conformar com a letargia alheia, ganhar fórum de um poder-dizer pedagógico devido à sua

regularidade, pressuposição e movência, cujos status de factualidade e desejos são fidelizados pelos meios de comunicação.

Em seguida, expressa vínculo de seu construto a um sistema discursivo maior, reforçando os sentidos alarmistas apesar de minimizar o teor cético em relação aos governantes, provavelmente com o propósito de incidir seu poder de convencimento numa última tentativa educativa. “Por mais de 30 anos a ciência foi clara. Como ousam seguir ignorando os alertas e vir aqui para dizer que estão fazendo o bastante? Se vocês realmente entendessem essa situação, e ainda assim seguissem falhando em suas ações, então vocês são maus” são palavras mobilizadas a um despertar global, finalizadas por um sentido de esperança em “E nisso eu me recuso a acreditar” (G1, 2019). Ameniza sua descrença para legitimar os fins pedagógicos de suas perspectivas cética e alarmista, desarmando a crítica de alguns opositores carregada de um estilo presunçoso e fechado ao diálogo.

A webmatéria, no entanto, é concluída com a denúncia contra políticos e empresários pelas atitudes de forjar “contabilidade inteligente e relações públicas criativas” e uma mudança real “quando, na verdade, quase nada é feito” (G1, 2019), trechos parcialmente citados para marcar interferência no discurso da personagem pública e isentar o portal de criticar o capital econômico. Deste modo, a construção discursiva metabiográfica da matéria transita problemáticamente entre perfis alarmista, cético e educativo, ensaiando a detecção de dados acerca da emissão de carbono, mas isolada diante da subjetivação prevalecente dos desejos preservacionistas. E provendo uma mudança no caráter alarmista para tentar convencer os negacionistas, porém, predominando a perspectiva cética da personagem principal com o intuito, provavelmente, de insinuar a permanência do cenário de conflito político, econômico e social em torno do tema. Mimetiza de forma “tautológica”, de acordo com palavras de Wilson Gomes (2009, p.13), e ambivalente, o paradoxo global do sistema discursivo das mudanças climáticas objetificado nas perspectivas dos sites de notícias e da biografada.

Na última narrativa, *Mudança climática é ‘tão urgente’ quanto coronavírus, diz Greta Thunberg* (BBC News Brasil), de 20/06/2020, conforme delimitação entre aspas na manchete, a declarante reforça a urgência dos riscos do aquecimento global e sinaliza a gravidade do contexto pandêmico da Covid-19 decretado em 11 de março de 2020 pela Organização Mundial da Saúde (OMS). Em entrevista ao jornal *Le Monde* (TRUONG, 2020), traduzida para o português pelo site da

revista *Carta Maior* (23/04/2020), Edgar Morin analisa que o coronavírus gerou novas incertezas cuja integração entre elas, depende do desafio da complexidade em confrontar, selecionar e organizar conhecimentos a respeito de catástrofes em cadeia. E Boaventura de Sousa Santos (in TOSTES; MELO FILHO, 2020, p. 45) referencia a capacidade da atual pandemia de criar as condições de sua superação e a origem a um “melhor estado de coisas”, mas cobra sua explicação pelos fatores de sua atualidade. Os dois intelectuais, portanto, defendem uma compreensão ampla de fatores responsáveis pela aparição de calamidades globais, algo comum exigido da interpretação climática (ALMEIDA, 2017).

Thunberg legitima a emergência no tratamento das crises ecológicas e de saúde: **“Greta Thunberg diz que o mundo precisa aprender com as lições do coronavírus e tratar as mudanças climáticas com urgência semelhante [grifos em negrito do portal de notícias]”** (ROWLATT, 2020). Essa retranscrição da matéria jornalística, localizada abaixo da manchete da notícia para agregar o impacto do assunto a um resumo abreviado de seu tratamento no corpo da webmatéria, reforça a preocupação educativa da estudante militante e é seguida pelo seu impulso político ao defender “a força necessária”, com a qual o mundo deveria reagir. A expressão destacada pelo repórter e seguida de outras, caso de “plano de recuperação ‘verde’” e “ponto de inflexão social”, forja um sistema discursivo atribuído a ela e permeado ainda de atritos entre denunciadores do aquecimento do planeta e negacionistas do clima, “momento único na vida” que a mobiliza a não se conter diante dos espaços abertos pela mídia e suscetíveis ao acúmulo dos sentidos massificados.

Adiante, a notícia é mais uma a dar destaque ao caráter cético da sueca em relação às motivações dos líderes mundiais a respeito do tema e de suas implicações em problemas políticos, econômicos, sociais e ambientais. Segundo ela, “O nível de conhecimento e compreensão, mesmo entre as pessoas no poder, é muito, muito baixo, muito menor do que você imagina” (ROWLATT, 2020). Os sentidos de sua crítica transitam entre o desinteresse e a incapacidade dos governantes de resolver as alterações climáticas. Ao contrário do esperado, eles adiam ou transferem as soluções, além de não interferir no estilo de vida suscetível a comportamentos destrutivos, demarcando espaços para sentidos suplementares opostos aos seus.

As emissões de gases do efeito estufa não são registradas e afetam outras regiões sem nenhuma medida de contenção, conforme discurso parcialmente citado na webnotícia em questão,

contudo, nem a militante sueca, nem os portais de notícias, em geral, detectam os dados, atribuem as causas e evidenciam as consequências nas matérias aqui analisadas, assim, não introduzem um “sistema de diferenciação que permite ao cultural ser significado como realidade”, segundo pressuposto de Homi Bhabha (1998, p.86). Desta forma, o planeta e o diálogo direcionado a soluções, ou seja, os fatos em si e sua objetificação nas manifestações discursivas, nos termos dos estudos ecocríticos e do jornalismo ambiental, são totalmente ou parcialmente degradados, apesar de permeados de desejos por mudança de pensamento. Daí ser necessário denunciar a atitude não apenas de apatia dos representantes políticos, mas também de controle e desinformação da opinião pública engajada em denunciar o negacionismo climático, pois a militante ainda não oferece a detecção de dados e se limita a tratar dos fatores responsáveis pelas mudanças do clima e de suas consequências de forma abrangente. A webmatéria legitima o valor cumulativo da apelação da “força necessária” objetificada e amplificada por Thunberg a partir da interpelação de sua compreensão dos fatos climáticos, ao repetir essa expressão, neste segundo momento, dirigida à forma como lidamos com as crises globais durante a pandemia da Covid-19. De acordo com ela, o panorama pandêmico possibilitou a mudança de comportamento dos governantes em relação aos cientistas e especialistas “já que você não pode colocar um preço na vida humana” (ROWLATT, 2020). Esse discurso, contudo, carregado de ambivalência, insinua a excepcionalidade do respeito à vida em momentos de crises generalizadas e cobra, nos termos de Boaventura Santos (in TOSTES; MELO FILHO, 2020), a explicação de sua atualidade de modo amplo, ao considerar uma análise climática complexa.

A pandemia, segundo Greta Thunberg, deve permitir “uma discussão sobre a urgência de tomar medidas para ajudar as pessoas que morrem de doenças relacionadas às mudanças climáticas e à degradação ambiental, agora e no futuro”, mesmo diante da descrença relacionada a limites seguros de aumento “catastrófico” da temperatura terrestre de 3 a 4 graus (ROWLATT, 2020). Os sentidos de emergência climática nas palavras da ativista, mesmo articulando problemas sintomáticos advindos de uma interioridade permeada pela apreensão com a atualidade e o futuro do planeta, devem encarar os fatos e suas soluções, a exemplo de “rescindir contratos e abandonar acordos existentes que empresas e países assinaram” e da transição sustentável da cultura poluente do carbono para a economia das energias renováveis (ROWLATT, 2020), e por meio de detecção de dados, nem que sejam apresentados de forma padrão, sem ser confrontados com



distintos contextos, nos quais os efeitos impactam diferentemente, mais ou menos, as sociedades e comunidades regionais e locais.

A fonte militante, porém, não associa os efeitos do aquecimento do planeta, a degradação de ecossistemas, da fauna, da flora e o surgimento de pandemias, limitando-se, em geral, a alarmar, no sentido educativo do termo, a humanidade em direção a um “despertar” e a “encontrar sua voz”, conforme citações feitas pelo jornalista de trechos da entrevista. E ele não apreende a mobilidade orgânica dos sentidos para além do discurso dela, com a intenção de sobrepor o valor sintomático do momento, no qual a humanidade é vítima do coronavírus e de atrelar fatores aos fatos de danos ambientais além dos desejos por um mundo preservado e conservado. Wilson Bueno (2008, p.170) chama esse tipo de angulação jornalística de “cobertura paralisante” isolada das causas. Mesmo pensando em soluções para as mudanças do clima terrestre, Thunberg ou o repórter deveria associar fatores antiecológicos e impactos na saúde pública, delimitando discursos suplementares sobre os fatos do aquecimento global e da pandemia, e personificados através da militante e do profissional mediador dos acontecimentos.

O jornalista Justin Rowlatt (2020) não retorna aos fatos em si (GOMES, 2009), objetos e fontes de novos discursos (GARRARD, 2006), de modo que possa objetificá-los em outra perspectiva, sua ou de um especialista. Ele paralisa o transitar de correlações entre contextos e acontecimentos, além de reduzir a carga pedagógica nos discursos da personagem da notícia, quando ao contrário, poderia fazer isso levando em consideração o repertório cumulativo de matérias da *Folha de Londrina* (SARIS, 2020), de 28/03/2020, e da revista *Veja* (THOMAS, 2020), de 05/06/2020, as quais associavam o surgimento de pandemias com a degradação da natureza motivadora da proliferação de vírus e bactérias. Afinal, a emissão de gases do efeito estufa decorrente de desmatamentos pode acentuá-la e provocar aquecimento do planeta ao mesmo tempo. Considerando os pressupostos do biografismo de Sérgio Vilas Boas (2008), o repórter emperra a extensão e a complementaridade dos sentidos, das experiências da fonte biografada, não faz um recorte do contexto histórico e social no qual a estudante sueca interioriza e amplifica os fatos, a fim de compreender os limites de seu entendimento no que concerne as pandemias. Além disso, não amplia o caráter metabiográfico e risível ao lidar com seus perfis de engajada e educativa, mesmo reforçando a faceta alarmista.

## Considerações finais

As facetas reveladas nos discursos de Greta Thunberg delimitados nas quatro narrativas jornalísticas sinalizam a predominância dos perfis biográficos alarmista e cético, ora agregados a um valor pedagógico quando se desarmam de um teor mais acusatório, ora descolados de um intuito educativo no caso de não apresentar dados, fatores, efeitos e contextos concretos. Mais do que balanceadas e imparciais no tratamento das mudanças climáticas, as matérias foram, em geral, ambivalentes em relação aos perfis da biografada. As contradições são amenizadas pela agência alemã *Deutsche Welle Brasil* e mantidas ao público leitor por parte da *France Presse*, do *G1* e da *BBC News Brasil*. Embora permitindo à biografada confrontar a informação fabricada pelas autoridades, expressar suas manifestações geralmente esvaziadas de fatos contextualizados e dados sobre as mudanças climáticas, as produções factuais foram justas com as demandas ambientais e o engajamento permeado de vontades subjetivas da jovem estudante ativista, mesmo não sendo uma fonte científica e apesar de não relacionar devidamente as alterações antropocêntricas do clima e as consequências da pandemia. Os portais também não suplementam perfis de analista padrão ou de interpretação complexa dos temas em questão, precarizando parcialmente o jornalismo de mudanças climáticas.

Nos termos de Enrique Leff (2008, p.229), a militante entrelaça saberes, práticas e conhecimentos não científicos, constituindo uma nova “racionalidade” social por meio da informação ambiental. Suas declarações emergem enquanto voz coerente e reduplicada sob ambivalência, mesmo alheia ao sistema de diferenciação de contextos vulneráveis e interpretação padrão ou complexa. Ela é engajada de uma mentalidade planetária dependente da circularidade constante de sentidos suplementares e em uma consciência ecológica interdependente e solidária, características da educação e da comunicação no século XXI de acordo com pressupostos de Edgar Morin (2003). Segue pressupondo sua imagem e sua representatividade até quando temas correlatos ao clima predominam na opinião pública. Seu biografismo cumulativo e amplificado pela mídia garante o metaperspectivismo de perfis necessários ao debate alarmado ou cético da preservação do planeta e da humanidade para o qual os paradigmas da Ecocrítica e do jornalismo ambiental devem continuar contribuindo.

## CRediT

**Reconhecimentos:** Não é aplicável.

**Financiamento:** Não é aplicável.

**Conflitos de interesse:** Os autores certificam que não têm interesse comercial ou associativo que represente um conflito de interesses em relação ao manuscrito.

**Aprovação ética:** Não é aplicável.

**Contribuições dos autores:**

Conceitualização, Metodologia, Administração do projeto, Escrita - rascunho original, Escrita - revisão e edição. FARIAS ALMEIDA, Simão.

## Referências

ALMEIDA, Simão Farias. *Ecocrítica da cartografia metafórico-interpretativa na não ficção de mudanças climáticas, clima e danos ambientais*. 1ed. João Pessoa: Ideia, 2017.

ALMEIDA, Simão Farias. *Representações do tempo no jornalismo de mudanças climáticas e danos ambientais*. 1ed. João Pessoa: Ideia, 2018.

ALTER, Charlotte; HAYNES, Suyin; WORLAND, Justin. *Time 2019 Person of the year: Greta Thunberg*. Disponível em: <<https://time.com/person-of-the-year-2019-greta-thunberg>>. Acesso em: 4 fev. 2020.

ARCHER, David; RAHMSTORF, Stefan. *The climate crisis: an introductory guide to climate change*. 1ed. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.

BHABHA, Homi. *O local da cultura*. 1ed. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.

BOAS, Sergio Vilas. *Biografias & biógrafos: jornalismo sobre personagens*. 1 ed. São Paulo: Summus, 2002.

BOAS, Sergio Vilas. *Biografismo: reflexões sobre as escritas da vida*. 1ed. São Paulo: UNESP, 2008.

BOYKOFF, Maxwell. *Who speaks for the climate? Making sense of media reporting on climate change*. 1ed. Cambridge: Cambridge University Press, 2011.

BUENO, Wilson da Costa. As síndromes do Jornalismo Ambiental Brasileiro. In: MELO, José Marques de (Org.). *Mídia, Ecologia e Sociedade*. 1ed. São Paulo: INTERCOM, 2008. p. 161-172.

DEUTSCHE WELLE BRASIL. *A coerência de Greta Thunberg na luta pelo clima*. Disponível em: <<https://www.dw.com/pt-002/a-coer%25C3%25Ancia-de-greta-thunberg-na-luta-pelo-clima/a-50080628>>. Acesso em: 6 fev. 2020.

FONTON, Mickaël. *Ecologie: nous avons bien lu vous gentils courriers! Réponse aux critiques et insultes des pseudo-spécialistes du climat*. Disponível em: <<https://www.valeursactuelles.com/societe/ecologie-nous-avons-bien-lu-vous-gentils-courriers-reponse-aux-critiques-et-insultes-des-pseudo-specialistes-du-climat-108929?fbclid=IwAR1PSAN-tm9gETYrK7ch94rCYzaUCcmw3lQvBF78s6x5M6OBAwpmkO9uko>>. Acesso em: 4 fev. 2020.

FRANCE PRESSE/G1. *Um ano após lançar greve escolar pelo clima, Greta Thunberg diz que mensagem está sendo mais aceita.* Disponível em: <<https://g1.globo.com/educacao/noticia/2019/08/13/um-ano-apos-lancar-greve-escolar-pelo-clima-greta-thunberg-diz-que-mensagem-esta-sendo-mais-aceita.ghtml>>. Acesso em: 6 fev. 2020.

G1. *Ativista Greta Thunberg chega à Suécia após quatro meses de viagem para participar de Cúpula e Conferência do Clima da ONU.* Disponível em: <<https://g1.globo.com/natureza/noticia/2019/12/17/ativista-greta-thunberg-chega-a-suecia-apos-quatro-meses-de-viagem-para-participar-cupula-e-conferencia-do-clima-da-onu.ghtml>>. Acesso em: 6 fev. 2020.

GARRARD, G. *Ecocrítica*. 1ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2006.

GOMES, Wilson. *Jornalismo, fatos e interesses: ensaios de teoria do jornalismo*. 1ed. Florianópolis: Ed. Insular, 2009.

GONZÁLEZ, Emma. *Greta Thunberg*. Disponível em: <<https://time.com/collection/100-most-influential-people-2019/5567758/greta-thunberg>>. Acesso em: 4 fev. 2020.

HALL, Stuart. Quem precisa de identidade? In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). *Identidade e diferença*. 1ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000. p. 103-133.

LEFF, Enrique. *Saber ambiental*. 6ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

MAXWELL, Richard & MILLER, Toby. Talking Rubbish: Green citizenship, Media and the Environment. In: BOYCE, Jammy & LEWIS, Justin (Orgs.). *Climate change and the Media*. 1ed. New York: Peter Lany Publishing, 2009. p. 17-27.

MORIN, Edgar. *Os sete saberes necessários à educação do futuro*. 1ed. São Paulo: Cortez; Brasília: UNESCO, 2003.

MOUILLAUD, Maurice. O sistema das citações. In: MOUILLAUD, Maurice & PORTO, Sérgio Dayrel. (Orgs.). *O jornal: da forma ao sentido*. 1ed. Brasília: Editora UnB, 2002. p. 117-144.

ROWLATT, Justin. *Mudança climática é 'tão urgente' quanto coronavírus, diz Greta Thunberg*. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/internacional-53120470>>. Acesso em: 10 fev. 2021.

SANTOS, Boaventura de Sousa. Vírus: tudo o que é sólido desmancha no ar. In: TOSTES, Anjuli; MELO FILHO, Hugo (Orgs.). *Quarentena: reflexões sobre a pandemia e depois*. 1ed. Bauru: Canal 6, 2020. p. 45-49.

SARIS, Simoni. *Degradação ambiental está na origem da pandemia*. Disponível em: <<https://www.folhadelondrina.com.br/reportagem/degradacao-ambiental-esta-na-origem-da-pandemia-2984391e.html>>. Acesso em: 12 fev. 2021.

THOMAS, Jennifer Ann. *Dia do Meio Ambiente: pandemia reforçou necessidade de proteger a natureza*. Disponível em: <<https://veja.abril.com.br/blog/impacto/dia-do-meio-ambiente-pandemia-reforcou-necessidade-de-protger-a-natureza/>>. Acesso em: 12 fev. 2021.

TRUONG, Nicolas. *Edgar Morin: “Essa crise nos leva a questionar nosso modo de vida, nossas reais necessidades mascaradas nas alienações da vida cotidiana”*. Disponível em: <<https://www.cartamaior.com.br/?/Editorial/Sociedade-e-Cultura/Edgar-Morin-Essa-crise-nos-leva-a->

questionar-nosso-modo-de-vida-nossas-reais-necessidades-mascaradas-nas-alienacoes-da-vida-cotidiana-/52/47272>. Acesso em: 11 fev. 2021.

WOLF, Mauro. *Teorias da Comunicação*. 10ed. Presença: Lisboa, 2009.

WYSS, Bob. *Covering the environment: how journalists work the green beat*. 1ed. New York; London: Routledge, 2008.